

# MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA

Arte e Design em Brasília 1950-2021



# SUMÁRIO

Apresentação .....	3
Prólogo: o Museu de Arte de Brasília .....	4
Introdução: Arte em Brasília e o MAB, 1950-2021 .....	8
Capítulo 1: A arte sob o signo do Estado, 1950-1960 .....	11
Capítulo 2: Rubem Valentim .....	17
Capítulo 3: Em busca de um novo rumo, 1970 .....	18
Capítulo 4: Ímpeto renovado, 1980 .....	24
Capítulo 5: Maturidade, 1990-hoje .....	33
Bibliografia .....	46
Arquivos .....	47
Ficha Técnica .....	47

“Não é possível estar dentro da civilização e fora da arte”, a frase de Rui Barbosa – um jurista, não um artista – caiu bem na Semana de Arte Moderna de 1922 (Rui morreria um ano depois) e mantém-se viva no momento em o Brasil é posto à prova diante de uma pandemia que varre o planeta. Nesse contexto, o Museu de Arte de Brasília (MAB) reabre suas portas, após catorze anos fechadas, às vésperas de se comemorar o centenário do mais fecundo período de agitação intelectual do país.

Penso que com o engajamento, em especial daqueles artistas impactados pelos acontecimentos assombrosos dos nossos dias, o MAB pode inaugurar uma nova estética na arte e trilhar caminhos experimentais dentro do espaço estatal, hoje como ontem. Quando se abre o acervo ao público, certamente o que vemos é apenas uma minúscula parte do que se produz em Brasília e, definitivamente, chegou o momento de dar ao museu o caráter vanguardista do que pelo menos se esperou dele desde a sua criação. Reabrir o MAB significa trazer de novo à discussão a produção artística de Brasília.

Em um país como o nosso, a catalogação sistemática das obras de artistas que exerceram e ainda exercem grande significação é uma tarefa que se impõe a um museu com propósito inovador. Conforme escreveu Alain Borer, ao ser visitado um museu precisa provocar reação, seja qual for. Excluindo-se a indiferença. Qual exclamação irá suscitar o MAB aos seus admiradores no futuro vai depender do que fizermos agora. Ainda que seja mesmo o grito de um primata. Soaria original, para dizer o mínimo.

**Bartolomeu Rodrigues**

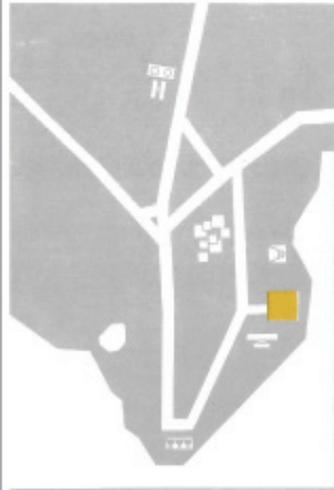
Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal

### **O Museu de Arte de Brasília**

O marco da inauguração da nova capital do Brasil foi a cerimônia de abertura do Museu da Cidade na Praça dos Três Poderes, em 21 de abril de 1960, por Juscelino Kubitschek – que naquele momento oficializava a transferência da capital federal para Brasília. Apesar da grande simbologia desse ato, o Distrito Federal levaria algumas décadas para abrir novos museus. A criação do Museu de Arte de Brasília (MAB) na orla do Lago Paranoá, em 1985, seria a responsável por arrancar a cidade dessa letargia e apresentar uma nova opção para artistas, público e pesquisadores de arte.

A decisão de criação do MAB deveu-se ao então governador do DF, José Ornellas, que almejava reunir as obras de arte adquiridas pela Fundação Cultural do Distrito Federal ao longo das décadas em um espaço museológico. Foi organizado, então, um grupo de trabalho com a tarefa de planejar o museu, para instalá-lo em um edifício na orla do Lago Paranoá. Até aquele momento, o prédio escolhido, de 1961, já havia tido diferentes finalidades, entre as quais a de sede de uma casa de espetáculos, o “Casarão do Samba”. Em prazo de poucos meses, foi montado e inaugurado o Museu de Arte de Brasília.

No momento de sua criação, o museu representou um marco cultural importante para a cidade, que não contava senão com poucos espaços voltados para as artes visuais. Além de reunir importante acervo de arte moderna e contemporânea brasileira, o MAB também se tornou um polo para a realização de importantes exposições, salões e cursos de arte, tanto teóricos quanto práticos. No decorrer dos anos, viria a reunir obras de artistas de destaque como Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Waltércio Caldas, Lothar Charoux, Amílcar de Castro, Lygia Pape, Anna Bella Geiger, Beatriz Milhazes, Tunga, Ernesto Neto, entre dezenas de outros. Seu diferencial, no entanto, é sua coleção de arte brasiliense, que retoma a memória da arte da capital desde a origem até suas manifestações mais recentes.



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA — 25 ANOS  
JUNTOS FIZEMOS O MELHOR™



Fotos de Sérgio Soffert

# MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA

## HISTÓRICO E OBJETIVOS

O MAB instala-se na comemoração dos 25 anos de Brasília. Ous o Governo do Distrito Federal legar à cidade um centro de informações, no campo das artes plásticas e dos setores conexos. Brasília, como não poderia deixar de ser, propõe-se firmar como centro irradiador de cultura. O Museu de Artes, nesse particular, tem um papel importante a cumprir. Como todo museu recém inaugurado, num contexto de limitada tradição cultural, o MAB apresenta desequilíbrios que o tempo, e o esforço, se encarregarão de sanar. Como patrimônio popular, o Museu se volta a seus usuários e confia na colaboração efetiva dos mesmos para o seu gradual aperfeiçoamento. Implantado no Capital Federal, o Museu pretende ser uma janela do mundo, a sabedoria da América Latina, para os visitantes e estudiosos locais. Para o forasteiro, o Museu pretende espalhar a atividade artística nacional, regional e local, com a amplitude que requer uma visão de conjunto, dedicada mais à compreensão que à mera contemplação. Estudos interdisciplinares e produção de material audiovisual são objetivos do Museu, bem como interação com a rede escolar do DF, com entidades culturais, com a comunidade artística local.

## ESTRUTURA

O MAB possui um acervo, recente mas já representativo de certos aspectos da arte brasileira (Anos 50 e anos 60 notadamente). Em relação à arte local, ele procura enfatizar a produção global da cidade (Plano Piloto e Cidades Satélites). Segmentos especiais são a coleção de arte popular e a coleção didática. O Centro de documentação, o Auditório, o Laboratório de restauração e o Núcleo de criações experimentais são outros setores significativos do Museu.

**TÉRREO** — Funciona no andar térreo do MAB a sua administração e a portaria. As esculturas e tapestias do acervo também encontram-se expostas nesse piso. Procurou-se, até onde foi possível, dispor organicamente as peças seguindo-se um critério de afinidades lingüísticas.

**1º ANDAR** — Dispõe-se no primeiro andar (acesso pela escadaria) o acervo de pinturas, desenhos e gravuras. O arranjo não obedeceu, pelo menos provisoriamente, o critério cronológico e regional, nem o das técnicas e materiais, mas o das aproximações ideológicas da imagem. Podem-se notar uma certa ênfase dada à pintura chamada ingênua, da periferia de Capital.

**SUBSOLO** — No subsolo funciona o Centro de documentação e o Auditório. Além de uma galeria destinada a exposições documentárias e de uma galeria de arte popular, ele abriga, ainda ampla sala destinada a exposições temporárias, de todos os gêneros.

**HORÁRIO** — Diariamente das 10 às 17 horas. Fechado às segundas feiras.

**ENDEREÇO** — Setor de Hotéis de Turismo Norte, entre a Concha Acústica, a Churrascaria do Lago e o Brasília Pílos Hotel. Acesso de ônibus pelo Circular Alvorada, na Estação Rodoviária de Brasília.



ABELARDO ZALLUAR  
Sem título  
Têxtila mista, 0,50x0,90 m



AMARO FREIRE  
Acidente, 1964  
Escultura em barro, 0,46x0,35 m



DARCY PENTEADO  
Aula no teatro com o dia aberto, 1974  
Nataquim s. tela, 1,20x0,80 m



D. J. OLIVEIRA  
O Ator e a cidade  
Desenho a lápis, 0,60x0,40 m



ELIFAS  
Mulher com criança  
Escultura em barrocoado, 0,85x0,82 m



POLÍVIO PENNACHI  
São João  
Óleo s. tela, 0,37x0,34 m



HAROLDO DOS SANTOS  
A mulher e o rosa, 1962  
Óleo s. tela, 0,74x0,63 m



ISERÊ CAMARGO  
Sem título  
Gravura em metal, 0,30x0,23 m



IVONEITH  
Landscape  
Óleo s. tela, 0,82x0,54 m



KACHISATO  
Dança, 1964  
Aquarela, 0,43x0,52 m



QUARLES  
Fotografia



NICÓLA  
Tapeçaria azul  
3,00x2,00 m



OETTO GUERZONI  
Sem título  
Gravura, 0,90x0,62 m



REBOZO GONZALEZ  
Mural, 1976  
Óleo s. madeira, 0,47x0,35 m



RUBEM VALENTIM  
Solstício, 1974  
Serigrafia, 0,77x0,55 m



ROSELI PEREZ  
Cubo  
Gravura em metal, 0,75x0,55 m



SANGON FLEXOR  
Cubismo  
Óleo s. tela, 1,34x0,85 m



SHOKO SUSUKI  
Cavidade nº 39  
0,63x0,30 m



VICENTE MARTINEZ  
Tudo aí vacia, 1964  
Desenho, 0,38x0,67 m



YLONDA MOHALY  
Piscina  
Óleo s. tela, 1,82x1,52 m



*Galeria do primeiro pavimento do MAB em reforma, 1998-2001. (André Abrahão/SECEC)*



*Fachada norte do MAB em 2002. (André Abrahão/SECEC)*



*Salão de Artes Visuais do DF no MAB, com pinturas de André Lafetá no primeiro plano. 2002. (André Abrahão/SECEC)*

Possivelmente em razão do aproveitamento de um edifício que não havia sido feito para ser um museu, o MAB teve seu funcionamento interrompido total ou parcialmente diversas vezes, para a realização de reparos ou reformas de infraestrutura no prédio. Entre 1998 e 2001, sofreu uma grande intervenção, com a renovação quase total de seu layout. Apesar da escala das obras, os melhoramentos foram pouco eficazes, já que o museu foi novamente fechado em 2007, devido à precariedade de suas instalações.

No decurso dos 14 anos seguintes, a reforma do edifício foi iniciada, paralisada e retomada diversas vezes, o que a fez progredir em ritmo lento. Nos últimos anos, no entanto, as obras foram conduzidas com determinação, permitindo sua reabertura no momento em que se celebram os 61 anos de Brasília. O novo MAB teve sua área expandida e sua estrutura adequada à sua finalidade, com instalação de sistema de ar-condicionado em todo o edifício e criação de um laboratório para a restauração das obras de arte, além de outras melhorias, voltadas sobretudo à segurança do acervo e ao recurso a fontes de energia mais ecológicas.

Em conjunto com a renovação arquitetônica, o museu reabre com a missão de refletir sobre seu papel institucional, em um contexto muito diferente daquele que existia antes do fechamento. Agora, o MAB deve entender qual é o seu potencial e o seu diferencial em relação aos museus de arte moderna e contemporânea brasileira que existem no Distrito Federal, entre os quais podemos citar o Museu do Banco do Brasil e a Galeria do Banco Central, além de diversas coleções públicas ou particulares da cidade que têm esse mesmo perfil, como a da Caixa Econômica Federal. Sem descuidar das Artes Visuais, a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF propõe, nesse intuito, a expansão do foco de atuação do museu, para abarcar também a memória do design da cidade, com a



*O MAB hoje, com a escultura Homenagem à Democracia (1958/1989), de Franz Weissmann. (Marina Gadelha/SECEC)*

incorporação de itens de mobiliário criados entre a década de 1950 e os dias de hoje. Lançando luz sobre uma área da produção criativa até então não abrangida pelas instituições museológicas locais, o MAB poderá carregar esse legado para as gerações futuras, evitando seu esquecimento.

O Museu de Arte de Brasília passou por alguns momentos de grande abandono, mas sobretudo por momentos de grande vivacidade. A instituição renasce, neste ano, com a missão de reunir, conservar, difundir e fomentar a Arte. O MAB contribui, dessa maneira, para efetivar a previsão de André Malraux para Brasília, que apostava que ela seria “a cidade mais audaciosa que o Ocidente já concebeu”.

## **Arte em Brasília e o MAB, 1950-2021**

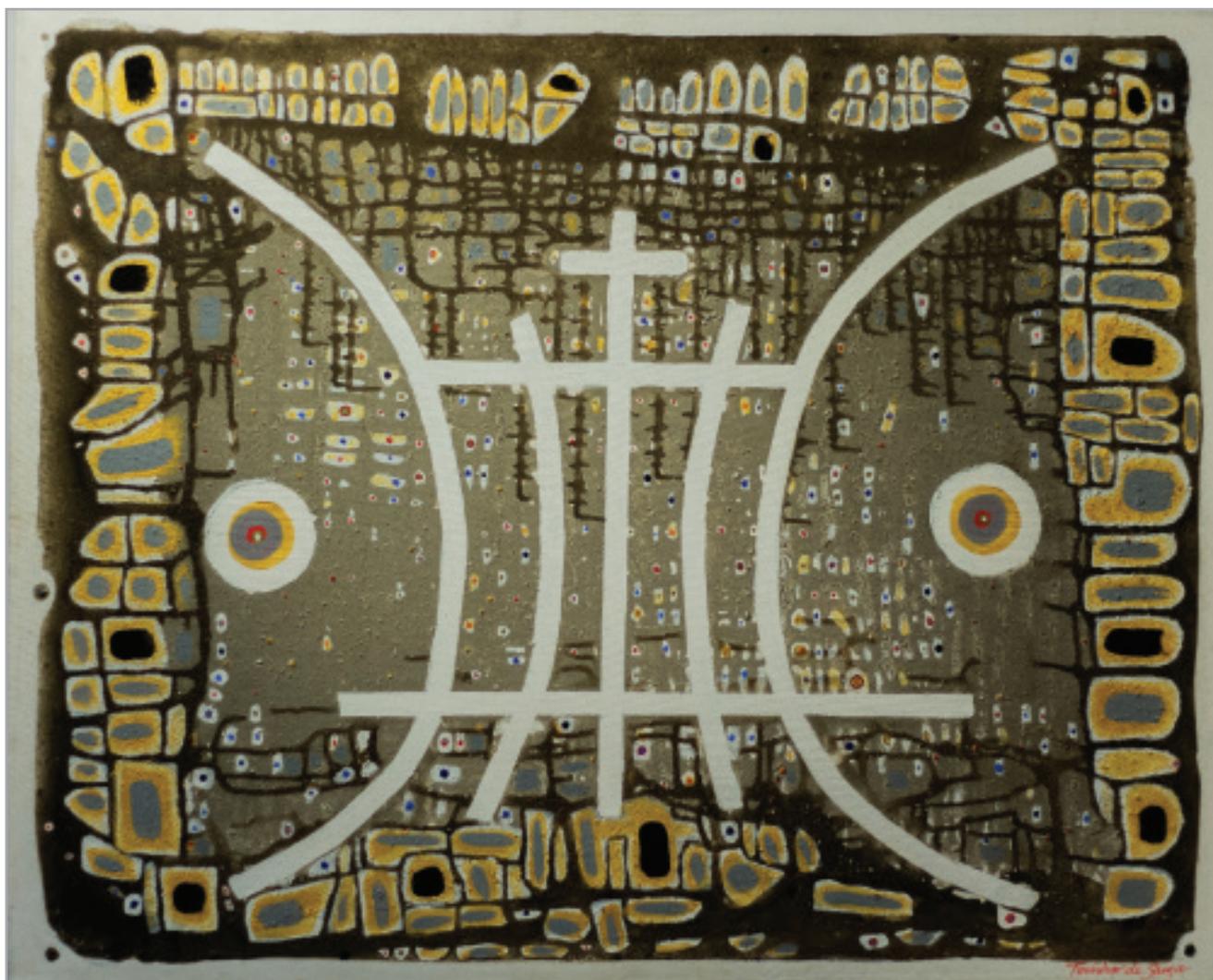
Em 1959, um ano antes de sua inauguração, Brasília foi sede do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica), que reuniu importantes nomes da cultura mundial no canteiro de obras que seria a nova capital do Brasil, para discutir o tema Cidade Nova – Síntese das artes. Naquele momento, Brasília simbolizava os esforços materiais e intelectuais do país para se apresentar – e se reconhecer – como uma nação moderna, capaz de inovar. O sonho de Brasília era uma utopia, um projeto progressista para reunir os brasileiros em prol de um objetivo comum: o desenvolvimento nacional.

Em 60 anos, esse projeto sofreu muitas mudanças – em alguns aspectos, foi bem-sucedido; em outros, nem tanto; e em certos pontos, apenas diferente. Independentemente disso, a arte e o design estiveram envolvidos em cada uma das etapas, seja para colaborar, seja para contestar. O Museu de Arte de Brasília (MAB) apresenta um retrato do que foram os esforços para a construção do campo das artes visuais e do design na cidade, com foco nos artistas e criadores que contribuíram para tornar a capital nacional um polo irradiador de talentos e ideias para o Brasil e para o exterior.

No decorrer de sua história, o MAB reuniu a produção artística feita em Brasília, para Brasília ou por brasilienses entre 1950 e 2021. A partir desse acervo, é possível vislumbrar a história da arte na capital. Entre 1950-1960, sua principal marca foi o projeto estatal para as artes e o design da cidade. Os anos 70 e 80 refletiram a turbulência causada pela ditadura, mas também a reorganização espontânea do campo criativo pelos próprios artistas. Os anos de 1990 em diante têm se voltado para as manifestações mais recentes da pós-modernidade, momento em que os criadores distritais são reconhecidos pela excelência e pelo alcance internacional de seu trabalho, o que culminou com a coroação de Brasília como Cidade Criativa em Design pela UNESCO em 2017.

A formação da coleção do MAB deveu-se, na maior parte, a prêmios de arte e a contrapartidas entregues por artistas, em troca da utilização dos espaços expositivos da antiga Fundação Cultural do DF. Outras maneiras de ingresso de obras foram doações, transferên-

cias de outros órgãos e mesmo o abandono de obras de arte no Museu, que com maior ou menor critério acabaram incorporadas ao patrimônio da instituição. Essa política, que pode ser definida como irregular, responde pelas eventuais presenças e lacunas na coleção museal. O edifício sede da instituição, com pouco espaço para galeria, reserva técnica e com o pé-direito baixo, também é um elemento limitador da incorporação de certas peças. Apesar dos inconvenientes, a instituição é capaz de reproduzir, a partir de seu acervo, uma narrativa do surgimento e desenvolvimento da arte na capital. Neste momento, o MAB incorpora o design à sua história, enriquecendo, assim, a tarefa de colecionar, conservar e difundir o talento distrital.



Toninho de Souza. Sem título, sem data. Técnica mista sobre tela, 80 x 100 cm. MAB1254. (Marina Gadelha/SECEC)



*Detalhe da fachada da Igreja de Na. Sra. de Fátima, com célebre painel de Athos Bulcão (1958). (Marina Gadelha/SECEC)*

### **A arte sob o signo do Estado, 1950-1960**

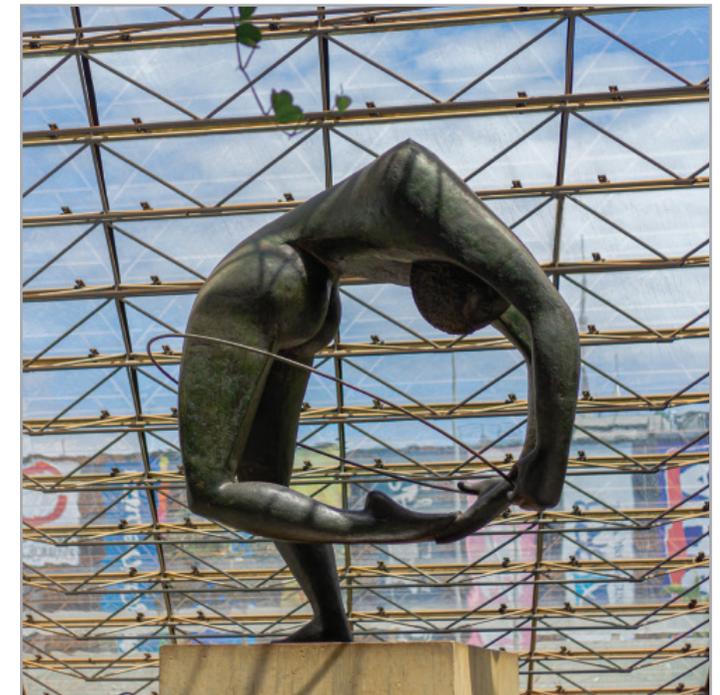
Brasília foi fundada com a missão de apresentar um Brasil progressista para o mundo. Não surpreende, portanto, que os artistas contratados para o projeto pertencessem aos diversos movimentos modernistas do país, os quais buscavam, de modo geral, “o equilíbrio e a clareza das formas, a depuração da linguagem, a escolha adequada e a pureza dos materiais”, nas palavras da historiadora Angélica Madeira.

Coube ao arquiteto Oscar Niemeyer a tarefa de selecionar quase todos os artistas contratados pelo governo federal para atuar em Brasília, principalmente para produzir obras a serem integradas a edifícios e monumentos públicos. Nessa leva estão incluídos importantes nomes do modernismo nacional, como Alfredo Volpi, Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti e o artista plástico/paisagista Roberto Burle Marx. A franco-brasileira Marianne Peretti também pode ser incluída nesse grupo, apesar de ter iniciado sua colaboração com Niemeyer apenas na década de 1970, realizando obras indissociáveis de seu enquadramento arquitetônico, como os vitrais da Catedral Metropolitana da cidade. No entanto, o artista mais emblemático dessa integração entre arte e arquitetura é, sem dúvida, o carioca Athos Bulcão, com suas dezenas de painéis, geralmente em azulejos, disseminados pela capital.



Fundada em 1962, a Universidade de Brasília (UnB) foi a responsável pela implantação de um novo projeto de integração entre arte e educação, assim como fomentou grande parte da agitação cultural da cidade na década de 1960. Para lecionar nela, diversos artistas foram convidados e mudaram-se para a capital, entre os quais podemos destacar Glênio Bianchetti, Marília Rodrigues e Maciej Babinski.

As célebres esculturas de Bruno Giorgi (*Os Candangos*, 1959) e de Alfredo Ceschiatti (*A Justiça*, 1961) na Praça dos Três Poderes, em Brasília. (Marina Gadelha/SECEC)



A escultura de Marianne Peretti (*Pássaro*, 1981) e a *Contorcionista* de Alfredo Ceschiatti no foyer do Teatro Nacional Cláudio Santoro. (Marina Gadelha/SECEC)



*Maciej Babinski executando uma calcogravura. (Arquivo de Lídia Babinski)*

Não obstante o estímulo estatal, os novos habitantes da capital também tomaram a iniciativa de movimentar o cenário artístico, realizando exposições em casa ou em estabelecimentos particulares desde antes da inauguração de Brasília. Um nome de destaque neste grupo é o do peruano Felix Barrenechea, que, apesar de convidado por Israel Pinheiro para criar uma escola de arte na cidade, não recebeu efetivo patrocínio ou proteção estatal.

O design do mobiliário brasileiro nas décadas de 1950 a 1970, época da inauguração e ocupação de Brasília, produziu objetos que constituem um importante patrimônio cultural nacional. Nesse período, o mobiliário institucional mostra-se presente no desenvolvimento contínuo do país, em termos sociais, econômicos, políticos, culturais e filosóficos. Seu valor vai além das questões de atribuição, função, valor e raridade; é parte da cultura material de uma sociedade.



Nos interiores dos palácios, existe relevante acervo de obras de Oscar Niemeyer e sua filha Anna Maria, mas também de Sérgio Rodrigues, entre muitos outros brasileiros e estrangeiros que contribuíram para a constituição, reconhecimento e valorização do design de mobiliário moderno.



Maciej Babinski. Sem título, [1969]. Xilogravura sobre papel, 28 x 37 cm. MAB1007.  
(Marina Gadelha/SECEC)



Sérgio Rodrigues. Cadeira Kiko, 1964. Cadeira giratória com espaldar médio, estrutura em madeira de jacarandá e estofamento em couro, 100 x 50 x 50 cm. (Marina Gadelha/SECEC)



Anônimo. Mobiliário original do Brasília Palace Hotel (cama, mesa de cabeceira e penteadeira), 1958. (Marina Gadelha/SECEC)



Jorge Zalszupin. Mesa de Gabinete, década de 1960. Mesa de madeira com gavetas, chapas laminadas de jacarandá, painel de couro e estruturas de madeira maciça de jacarandá. (Marina Gadelha/SECEC)



Ateliê de Rubem Valentim em sua residência em Brasília, década de 2000. (André Santangelo/SECEC)



1

### Rubem Valentim

Rubem Valentim foi um artista emblemático da capital, e possivelmente um dos mais reconhecidos em âmbito nacional. Baiano de nascimento, mas com importante passagem pelo Rio de Janeiro, ele já era um artista consagrado quando veio a Brasília, em 1966, para tornar-se docente da UnB. Em 1968, quando a repressão política da Ditadura sobre a universidade se agravou, o artista demitiu-se do cargo de professor, dedicando-se principalmente à sua atividade artística. Apesar de disponibilizar suas obras sobretudo em galerias do Rio de Janeiro e de São Paulo, nunca deixou a capital federal, onde estabeleceu residência até morrer, em 1991.



2

Rubem Valentim é reconhecido por sua capacidade de conectar elementos do neoconcretismo à imaginária das religiões afro-brasileiras. Sua obra busca, desse modo, unir o erudito ao popular, gerando um resultado único e extremamente original, que o tornou um dos artistas mais importantes do país, cuja celebridade apenas se ampliou nas décadas após a sua morte, ocorrida em 1991.



3

O Instituto Rubem Valentim doou ao Museu de Arte de Brasília, por intermédio do artista Bené Fonteles, o ateliê do artista tal qual foi deixado no momento de seu falecimento. Por meio desse conjunto de móveis, obras e instrumentos, pode-se espiar o contexto físico em que as ideias de Rubem Valentim tomaram forma. Entre as pinturas deixadas no local, pode-se ver um pequeno painel cuja composição remete ao grande mural criado pelo artista para o Palácio do Itamaraty, em Brasília, intitulado Templo de Oxalá (1977), executado em branco na versão para o Ministério das Relações Exteriores.

1 - Rubem Valentim. *Composição nº 10*, 1962. Óleo sobre tela, 100 x 70 cm. MAB111 (Marina Gadelha/SECEC)

2 - Rubem Valentim. *Sem título*, 1989. Serigrafia, 100 x 70 cm. MAB1236. (Marina Gadelha/SECEC)

3 - Rubem Valentim. *Sem título*, 1989. Serigrafia, 100 x 70 cm. MAB1236. (Marina Gadelha/SECEC)



**Em busca de um novo rumo, 1970**

A instauração da Ditadura em 1964 – seguida de prisões, demissões e desmontagem de instituições públicas – teve como consequência a descontinuidade das iniciativas estatais voltadas para a cultura e para o ensino de artes em Brasília, interrompendo, na prática, o projeto cultural da cidade, conforme elaborado por seus fundadores. O vácuo gerado foi sendo preenchido na década de 1970 por iniciativas dispersas, algumas do governo federal, outras do governo local e muitas da própria sociedade, obrigando brasilienses e candangos a assumirem os riscos e as oportunidades de trilhar sua própria trajetória.

A cena cultural de Brasília nos anos 1970, resultante do quadro de perseguição e repressão política, além da desorganização institucional, é frequentemente descrita pelos próprios agentes culturais do período como apática e pouco ousada. No entanto, foi nesse momento que os artistas da cidade se libertaram das amarras da linguagem geométrica para experimentar outros estilos e abordagens, como a figuração em suas várias vertentes e o expressionismo abstrato. Entre os pintores que transitaram pelo abstracionismo, pode-se destacar Naura Timm e Wagner Hermuche. Entre os figurativos, Douglas Marques de Sá e Terezinha Losada são alguns dos mais renomados. É na gravura, no entanto, que se forma uma verdadeira escola na capital, em que nomes como Lêda Watson e Betty Bettiol despontam no cenário.

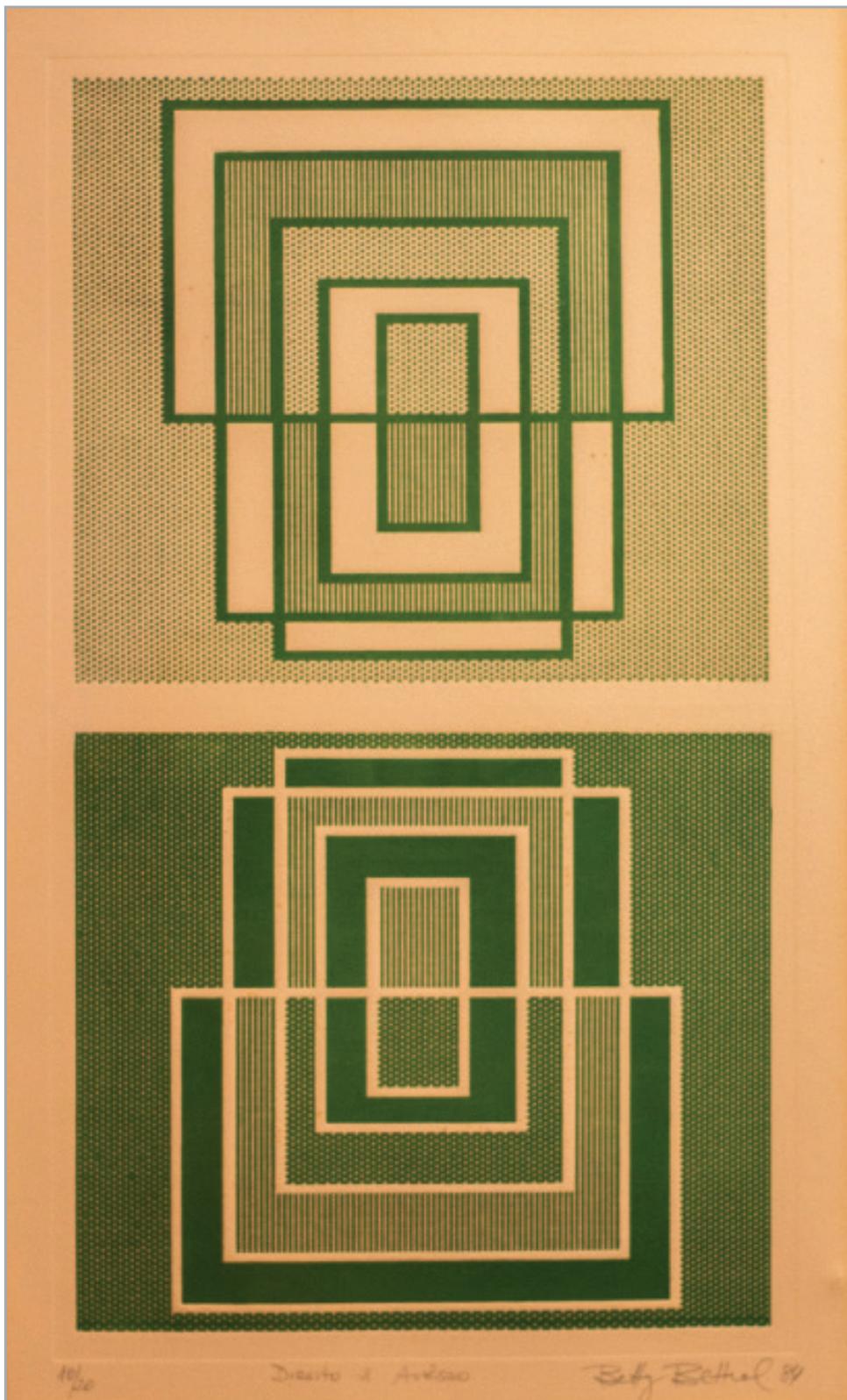


*Lêda Watson em seu ateliê em 1979. (Arquivo da artista)*

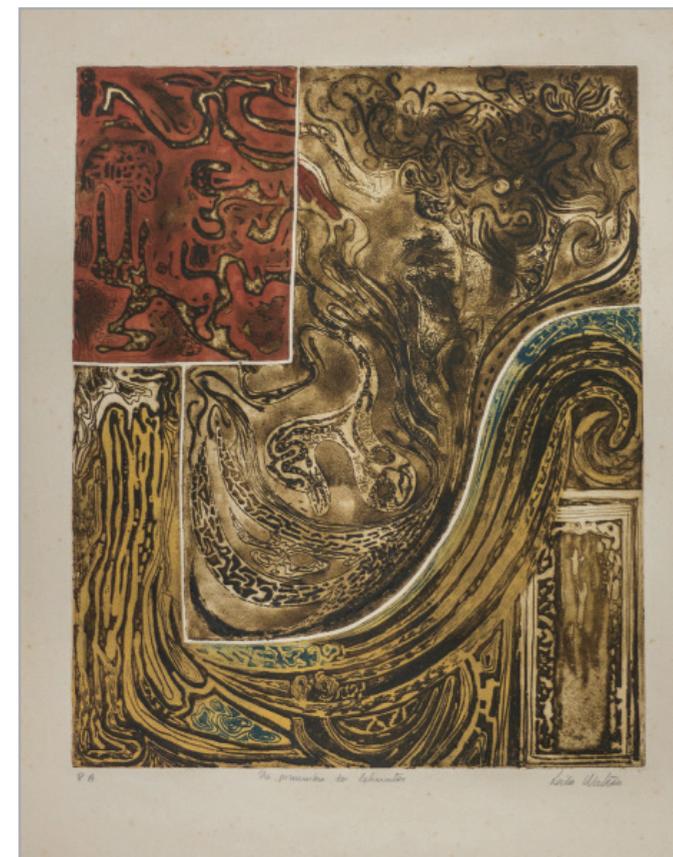


*Betty Bettiol imprimindo uma calcogravura, década de 1970. (Arquivo da artista)*

O governo local também passaria a valorizar e a promover a arte popular e os artistas da periferia da capital de modo sistemático. Nesse âmbito, surgiram iniciativas como o Salão de Artes Plásticas das Cidades-Satélites, que coroou artistas como Valdemor Nogueira de Lima e Enock Byron de Quevedo, além de criar o contexto em que talentos como Madame Kalil e Francisco Galeno puderam se lançar. Na mesma linha, podem ser citadas as tecelãs Minnie e Cândida Sardinha, pioneiras na intersecção entre arte e artesanato, as quais desenvolveram pesquisa na produção de tapeçaria e formaram legiões de alunos.



Betty Bettiol. *Direito e Averso*, 1984. Calcogravura, 51 x 31 cm. MAB270. (Marina Gadelha/SE-CEC). Betty Bettiol pode ser considerada a pioneira na utilização de meios computacionais para a produção de gravuras em Brasília. Esta obra foi produzida com o auxílio de um computador de escritório. Sua tiragem original data de 1977.



Lêda Watson. *Na penumbra dos labirintos*, 1977. Calcogravura, 50 x 40 cm. MAB222. (Marina Gadelha/SECEC). Uma das personagens mais emblemáticas das Artes Visuais no capital da República, Lêda Watson instalou-se em Brasília na década de 1970. Com formação no Rio de Janeiro e em Paris, cidade onde efetivamente iniciou sua carreira, vem ensinando gerações de gravadores brasilienses ao longo dos anos. Suas tiragens frequentemente levam meses para ficarem prontas. Seu trabalho é complexo e inspirado, muitas vezes, nas formas do cerrado. Watson participou da fundação do Museu de Arte de Brasília e do Clube de Gravura da cidade, entre outras iniciativas.



Lêda Watson. *O todo I: essência da vida*, 1993.  
 Calcogravura, 100 x 70 cm. MUN1532  
 (Marina Gadelha/SECEC)



Orlando Brito. *General Andrada Serpa - reunião ministerial*, 1974. Fotografia, 30 x 20 cm.  
 MAB821 (Marina Gadelha/SECEC). A década de 1970, em Brasília, foi especialmente rica em fotógrafos capazes de transformar o registro jornalístico em obra poética. Orlando Brito, radicado na cidade desde os anos de 1950, é possivelmente um dos mais talentosos, laureado por diversos prêmios. Esta foto, apesar de bela, não pode ser, senão, uma denúncia da mão de ferro com que a ditadura militar conduzia o Estado brasileiro durante os anos de chumbo, em que a violência e a repressão eram políticas de Estado.



Solange Escosteguy. *Sem título*, 1978. Madeira e tinta acrílica, 51 x 60 x 18 cm. MAB410 (Marina Gadelha/SECEC)

Sérgio Rodrigues. Poltronas de auditório do Cine Brasília, década de 1970. O cavalete de metal foi adicionado à peça para permitir sua exposição no museu. As poltronas eram originalmente encaixadas em "degraus" no auditório do cinema. (Marina Gadelha/SECEC)





*Danilo Barbosa (projeto) e Departamento de Estradas e Rodagem do DF (execução). Placa de endereçamento das Superquadras 307 e 308 da Asa Sul, 1976/ c. 2021. Aço pintado, 275 x 50 cm. (Marina Gadelha/SECEC)*



## **Ímpeto renovado, 1980**

Os anos 80 provocaram um sentimento ambivalente nos artistas que os testemunharam. Surgiram novos instrumentos de fomento e instituições culturais, como o próprio Museu de Arte de Brasília. A Redemocratização permitiu o arrefecimento do aparelho repressor do Estado, inclusive no que se refere à censura. No entanto, a frustrada utopia de Brasília, a crise econômica e o público e mercado tímidos da cidade impediram que o período fosse encarado euforicamente, em especial pela geração de criadores que despontava.

Apesar disso, a quantidade de artistas e de linguagens ampliou-se enormemente. A circulação de informações e de pessoas permitiu que se buscasse uma sincronização com os debates artísticos mais atualizados que surgiam, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas também no exterior. A tomada de consciência – em Brasília e fora dela – da existência de uma cena de arte local ativa e independente foi um marco importante de sua crescente maturidade. A pintura ganhou novo fôlego – em especial com a geração mais nova, entre os quais podemos citar Ralph Gehre e Nelson Maravalhas –, a performance e a arte eletrônica passaram a ter uma prática mais consistente, e multiplicaram-se as obras em linguagens híbridas.



*Rômulo Andrade com obra da série sobre o céu de Brasília, década de 1980. (Wagner Hermuche/Arquivo do artista)*





*O artista Ralph Gehre em 2019. (Roberto Bassul/Arquivo do artista)*

Nessa década e na seguinte, Brasília despontaria como uma mola propulsora para o design de mobiliário atento à preservação das florestas e suas espécies tropicais. Tal proposta surgiu alavancada por uma nobre e efetiva intenção de popularizar espécies de madeiras tropicais como Roxinho, Pau Amarelo, Goiabão, Jatobá, Muirapiranga – não tão conhecidas do público em geral –, entre outras, as quais apresentam propriedades físico-mecânicas que atendem aos mais exigentes e exclusivos projetos de mobiliário. Tal iniciativa surge como um programa de pesquisa do Laboratório de Produtos Florestais do então IBAMA.



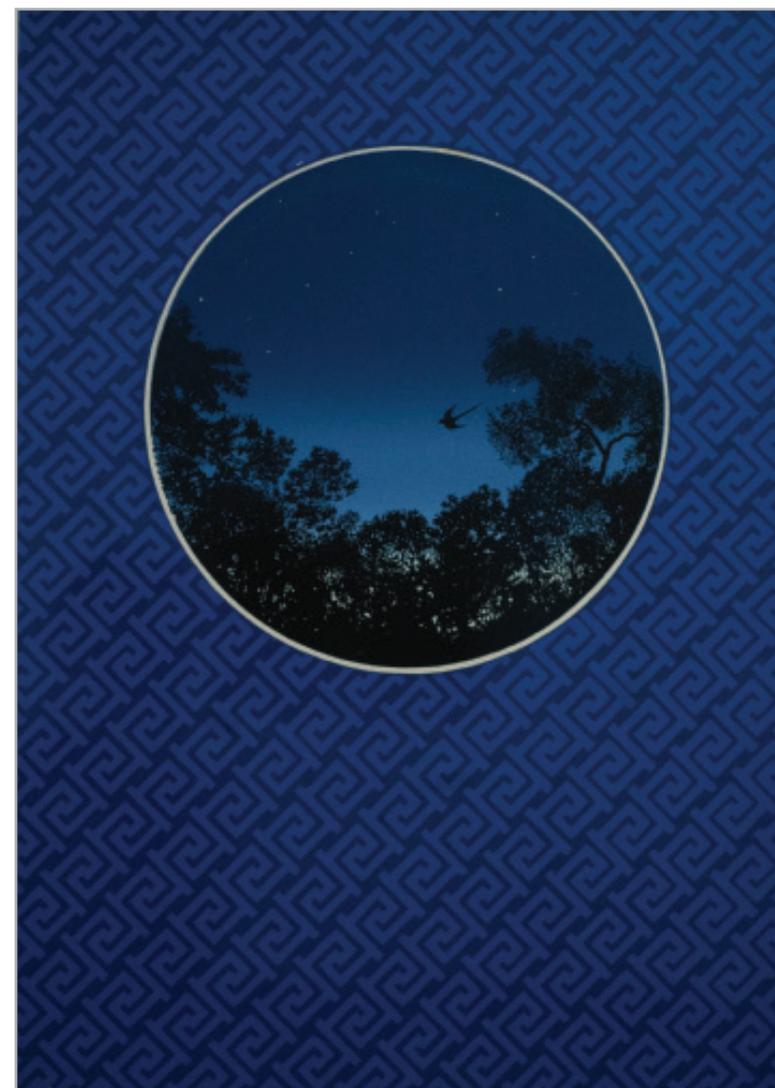
Helena Lopes. Abandonados – El Dourado dos Carajás, 1996. Colografia s/ papel, 50 x 70 cm. MUN15148. (Marina Gadelha/SECEC)



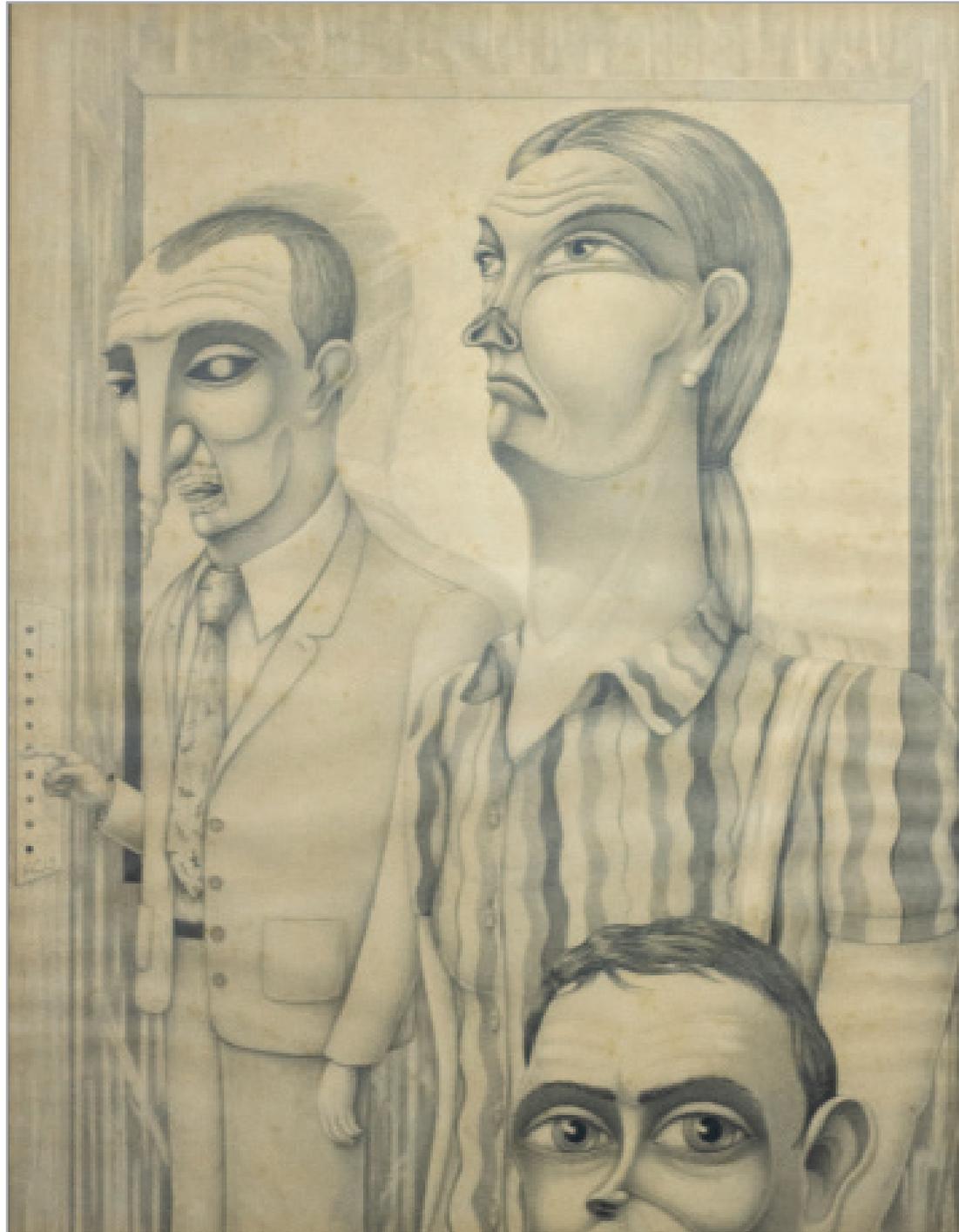
Célia Matsunaga. Menor abandonado, sem data. Calcogravura, 20 x 12 cm. MAB261. (Marina Gadelha/SECEC). Atualmente professora do departamento de Desenho Industrial da Universidade de Brasília, Célia Kinuko Matsunaga Higawa é uma importante designer e artista plástica, cuja trajetória, iniciada nos anos de 1980, a coloca entre as personagens mais inovadoras da cidade, geralmente experimentando com linguagens e materiais diversos e combinando o design gráfico às artes visuais em sua produção.



Rômulo Andrade. *Sinais de luz*, 1987. Serigrafia, 69 x 50 cm. MAB413. (Marina Gadelha/SECEC). Rômulo Andrade chegou do Rio de Janeiro na década de 1970. Dos anos 80 em diante, consolidou importante carreira de artista, designer e arte-educador. Tendo adotado a serigrafia como uma de sua técnicas prediletas, produziu a série da qual esta obra é parte, que é, nas palavras do autor, "o olhar de um estrangeiro sobre Brasília". Nela, representa o fascínio do migrante com o céu da cidade, as luzes da manhã e as formas do cerrado. Militando pela preservação do meio ambiente, Andrade expressa sua ligação com a natureza por meio de cores e composições plenas de espiritualidade.



Rômulo Andrade. *Cerrado*, 1982. Serigrafia, 60 x 40 cm. MUN15107. (Marina Gadelha/SECEC)



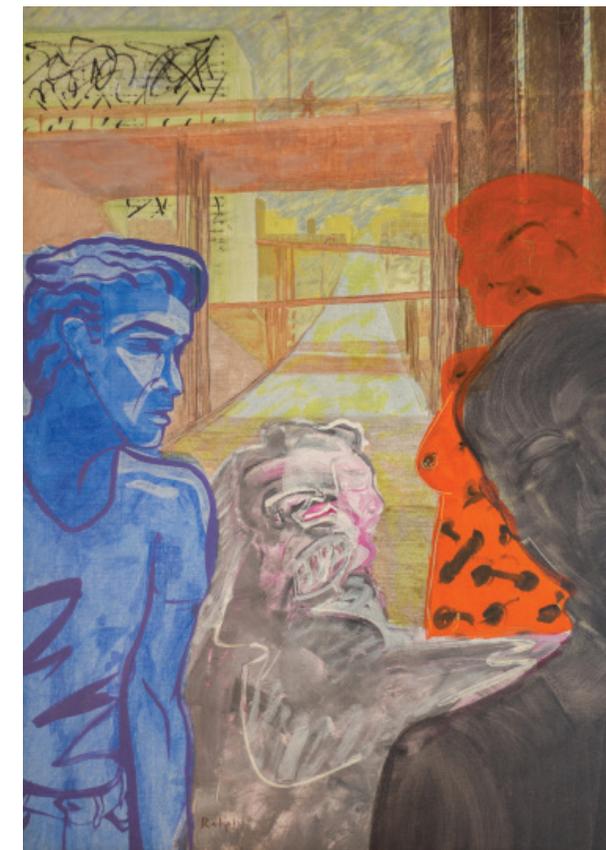
Fernando Lopes. *Elevador*, 1980. Grafite sobre papel, 65 x 50 cm. MAB377. (Marina Gadelha/SECEC). Com formação no Brasil e no exterior, Fernando Lopes é reconhecido sobretudo como ilustrador. Suas obras têm sido publicadas quase diariamente no jornal *Correio Braziliense*, do DF, desde 1997.



Lourenço de Bem. *Uma janela para o campo*, 1984. Óleo sobre tela sobre compensado, 71 x 32 cm. MAB035. (Marina Gadelha/SECEC)



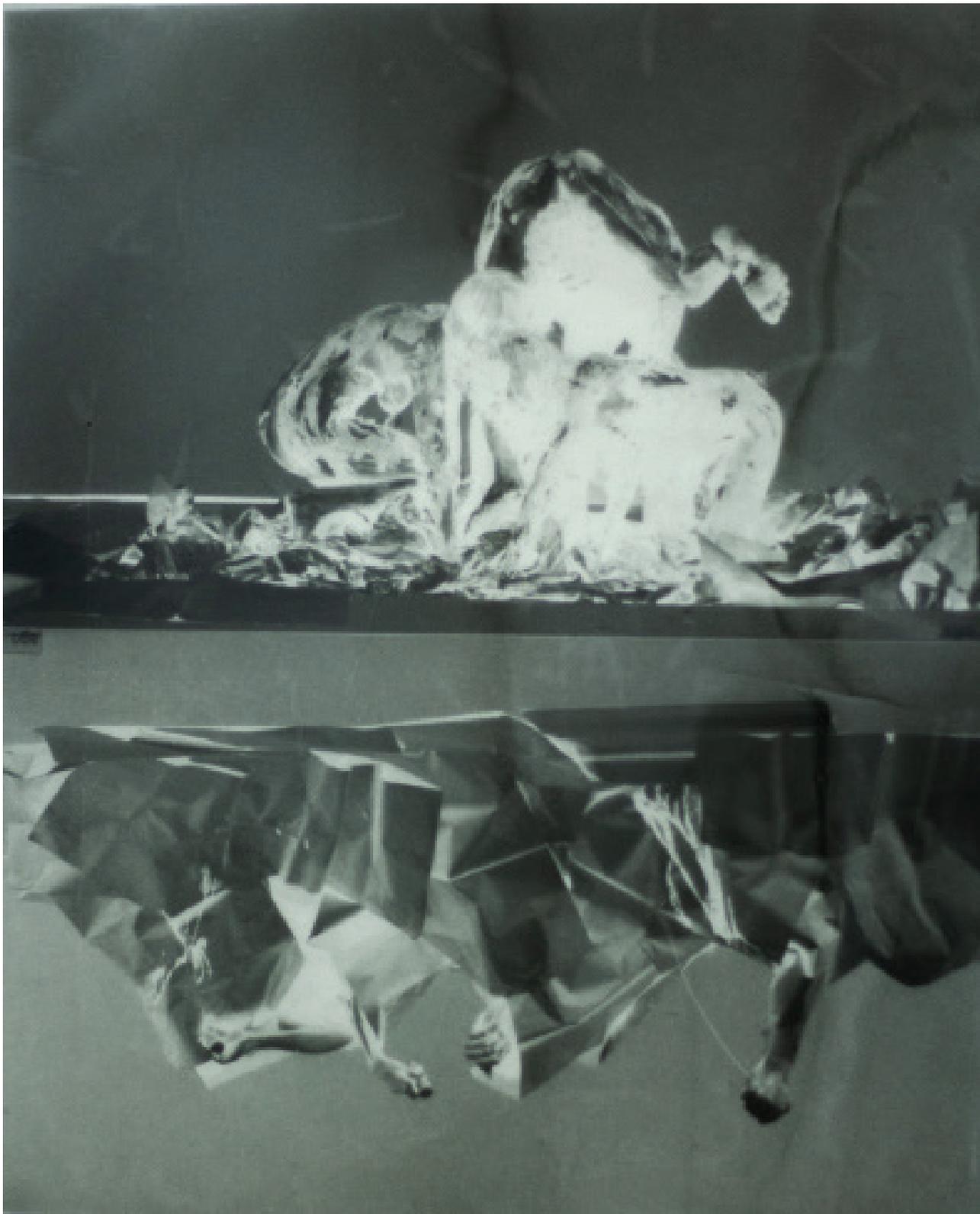
Sílvio P. Zamboni. Sem título, 1984. Óleo sobre compensado, 80 x 100 cm. MAB154 (Marina Gadelha/SECEC)



Ralph Gehre. Assunto nº 1, 1985.  
Óleo sobre tela, 128 x 90 cm.  
MAB051. (Marina Gadelha/SECEC)



Ligia de Medeiros. Mesa de centro em planos,  
projeto de 1990. Base em madeira: ipê, roxinho  
e cedro, tampo de vidro, 65 x 100 x 80 cm (Ma-  
rina Gadelha/SECEC)



*Grupo Corpo Piloto (Suzete Venturelli, Luiz Ribeiro, José César Silva e Rômulo Andrade). Sem título, 1988. Registro de performance realizada na abertura da exposição de Rubem Grilo, na Galeria Oswaldo Goeldi. Na década de 1980, Brasília testemunhou o aumento de interesse dos artistas pela linguagem da performance, com a qual José Eduardo Garcia de Moraes, representante da cidade, participou da célebre mostra "Como vai você, geração 80?", no Rio de Janeiro. Em 1986, na UnB, alguns estudantes do curso de extensão "Estética e Artes Plásticas: da Transvanguarda à Nova Pintura" criaram o grupo Corpo Piloto, que visava a evidenciar "a relação Arte/Corpo/Cidade dentro de um processo estético que não utiliza formas de arte tradicionais", nas palavras de Suzete Venturelli.*



*Tunico Lages. Cadeira Brasil, década de 1980. Mogno e almofadas de linho, 50 x 60 x 60 cm. (Marina Gadelha)*



*A artista e professora da UnB Cecília Mori em seu ateliê na Asa Norte, 2021. (Ádon Bicalho/Arquivo da artista)*

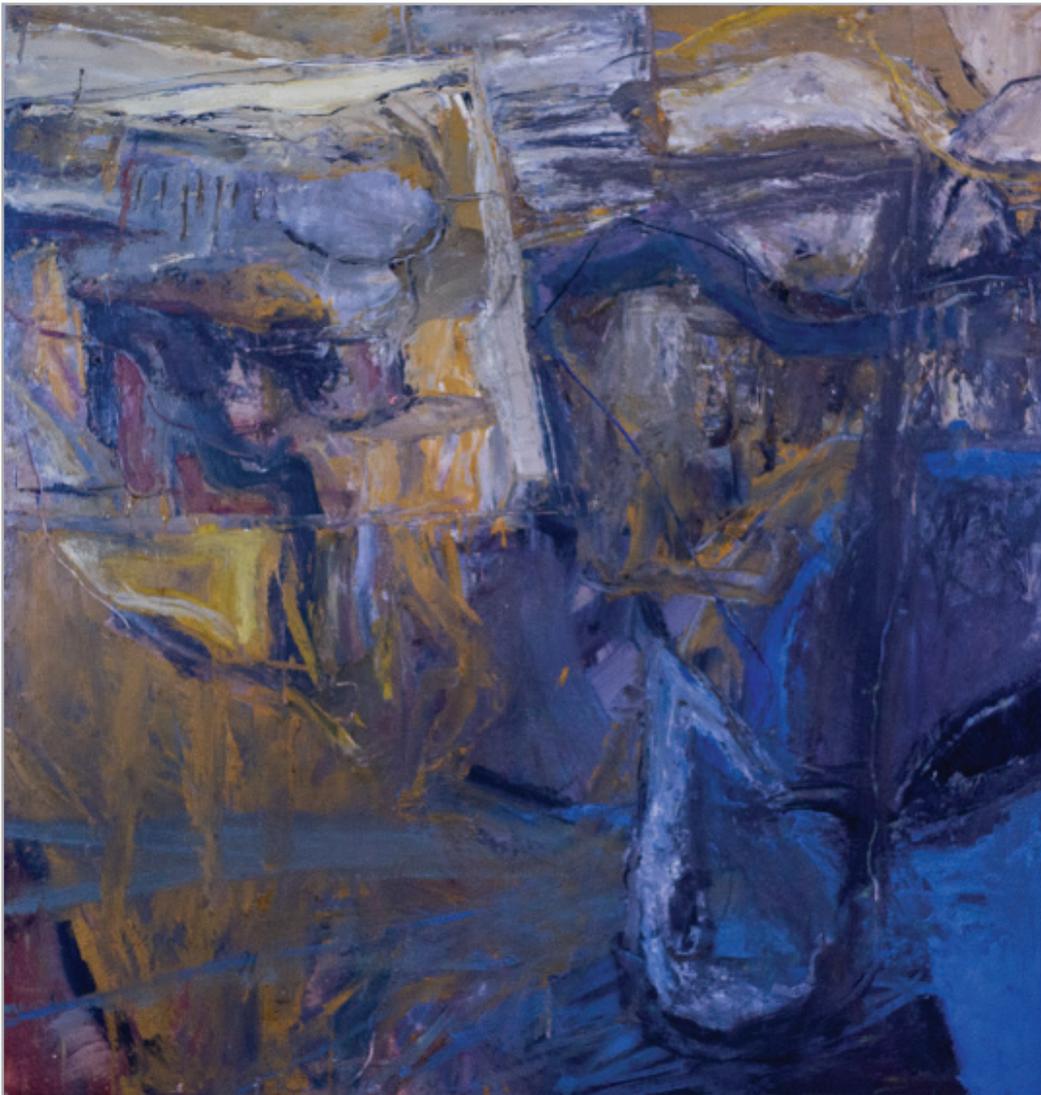
**Maturidade, 1990-hoje**

Os anos de 1990 marcaram o início de grandes mudanças no DF. A autonomia política permitiu que a população distrital escolhesse seus representantes locais pela primeira vez. O Fundo de Apoio à Cultura e a Lei Rouanet foram criados em 1991. A Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília passou a funcionar a partir de 1993. Desse período em diante, os investimentos públicos e privados no setor multiplicaram-se e novas instituições foram fundadas, como museus, escolas e galerias, a exemplo do Centro Cultural do Banco do Brasil e do Museu Nacional da República. O sistema de cultura distrital, apesar das falhas e lacunas, formou-se efetivamente nessa década.

No campo das artes, a diversidade e a transversalidade definem a produção que vem sendo realizada. Conforme apontou Arthur Danto, após o fim da pintura moderna não se pode mais falar em uma História da Arte, mas em histórias da arte. Os experimentos e ensaios artísticos que vinham sendo realizados desde os anos 60 floresceram de modo a gerar uma variedade de possibilidades como nunca houve antes. Linguagens híbridas e contemporâneas, arte e tecnologia e o desenho e a pintura da figura humana parecem formar os principais eixos da arte distrital contemporânea.

A partir dos anos 2000, Brasília apresenta uma nova geração de designers, que se ergue com tipologias diversas e contemporâneas e que se pauta pela inovação e diversidade no uso de temas, funções, formas e materiais que vêm compor suas criações. Em alguns casos, expressa a cidade construída por meio de seus ícones, em outros, se pauta por formas e materiais que dão o tom e a personalidade desses móveis, nutrindo-se também das formas orgânicas do cerrado.

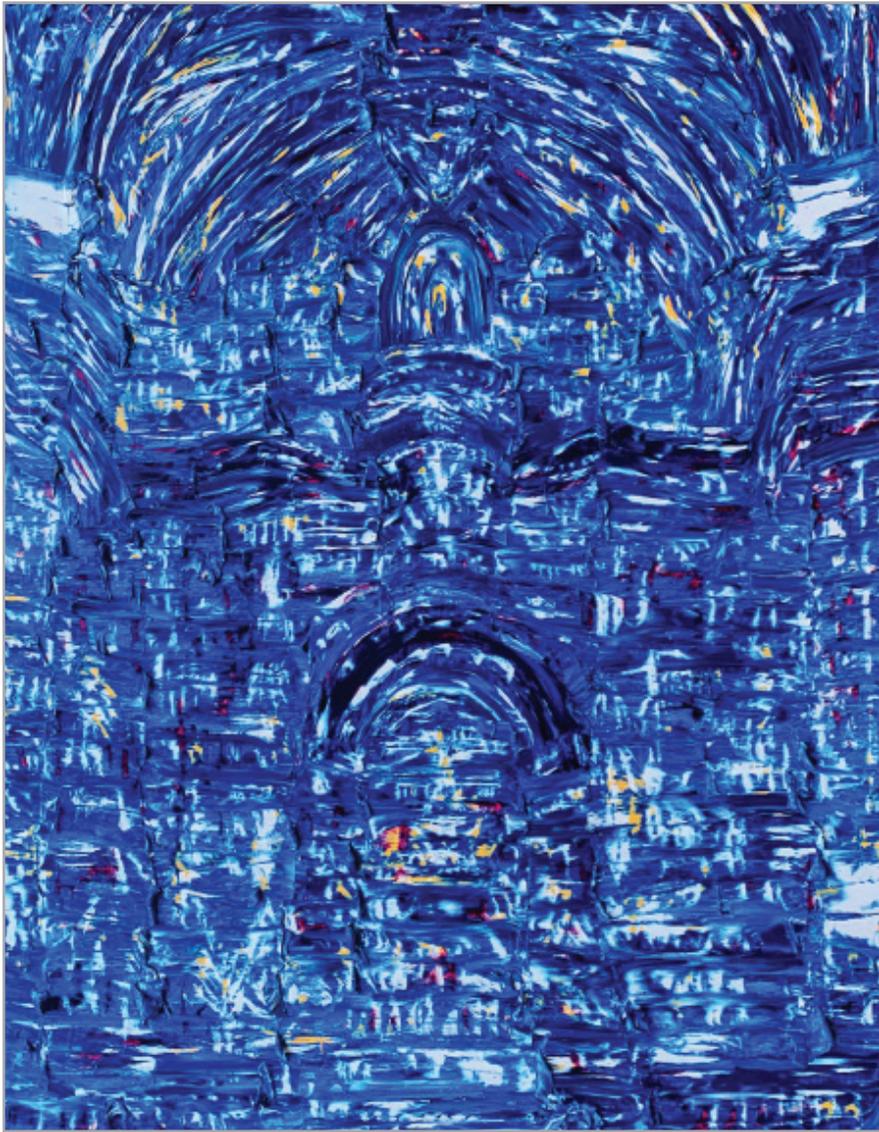
Considerando também que Brasília conquistou o título de Cidade Criativa em Design, a produção local celebra a diversidade contemporânea, trazendo à tona uma capital internacional, sustentada por sua história e também por sua capacidade de inovação.



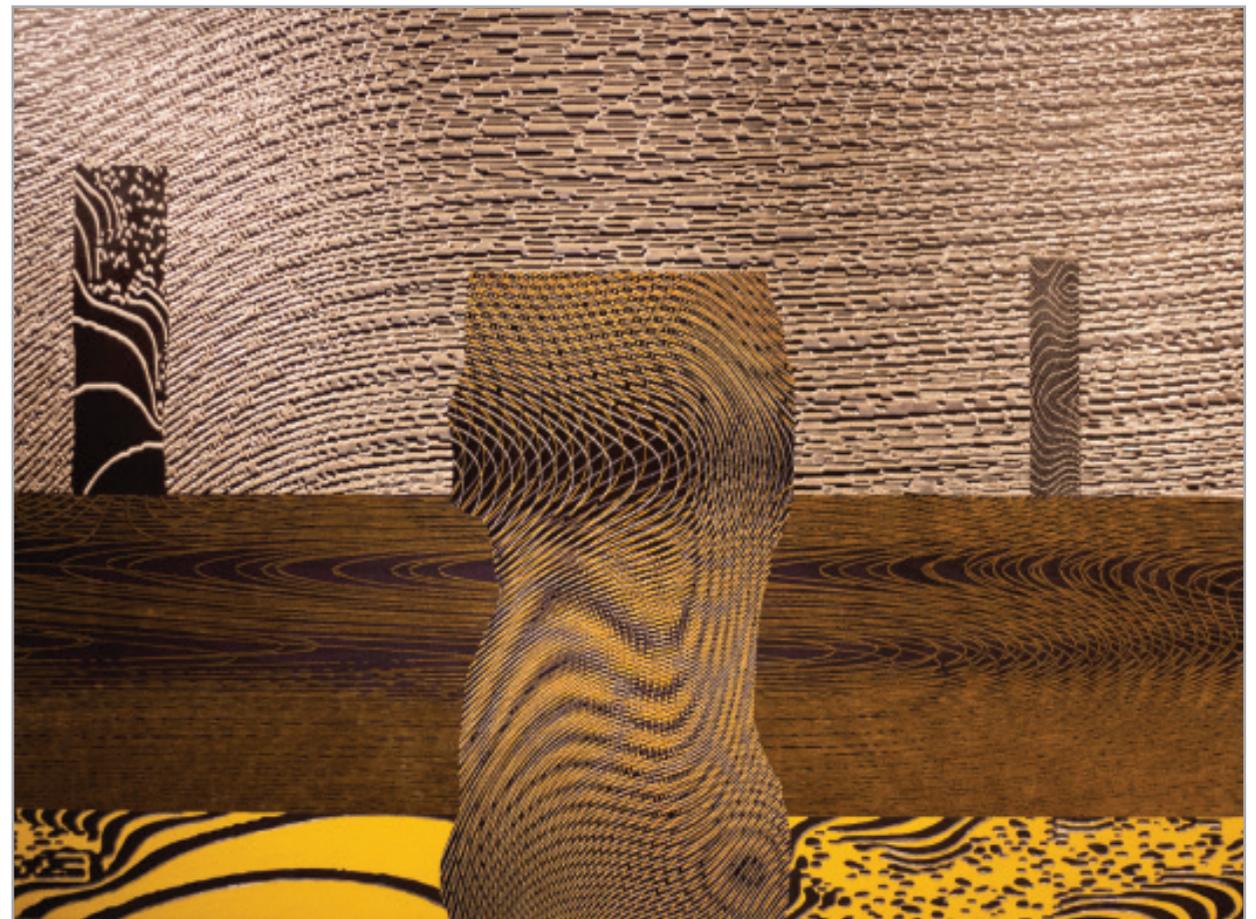
Sérgio Rizo. *Sem título*, 1991. Óleo sobre madeira, 160 x 153 cm. MAB871. (Marina Gadelha). Apesar de presente no acervo do MAB por meio de uma obra abstrata, Rizo é reconhecido atualmente por seus desenhos que primam pela observação da anatomia humana. O artista tem exercido influência sobre gerações de alunos da Universidade de Brasília, onde ensina sobretudo desenho e anatomia artística.

André Lafetá. *Mesa 1 – O sonhador de objetos*, 2001. Acrílica sobre tela sobre madeira, 121 x 113 cm. MAB968. (Marina Gadelha/SECEC)

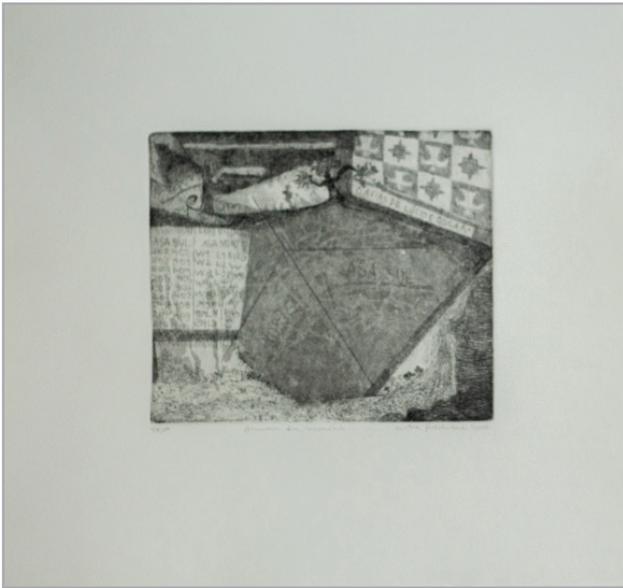




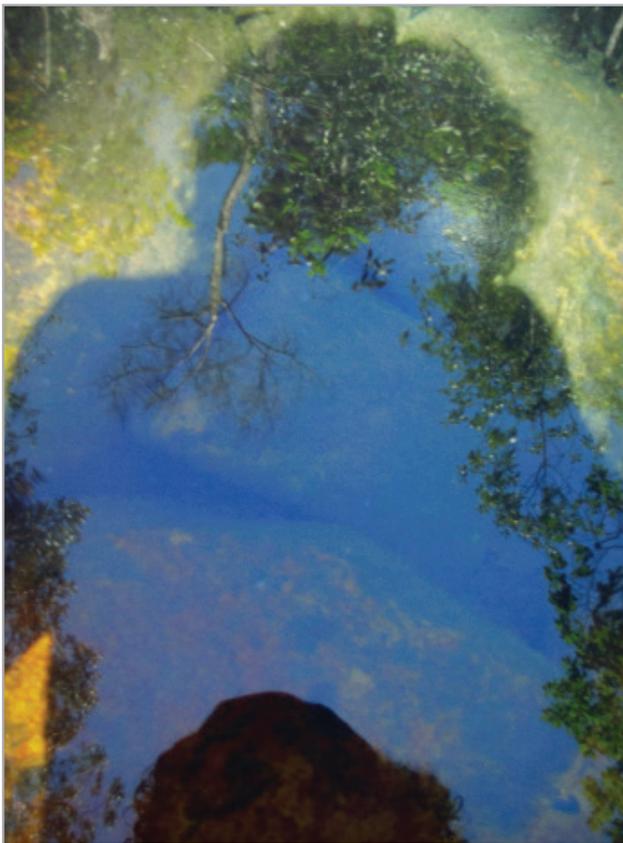
Taigo Meireles. *Altar Três Azuis*, 2020. Óleo sobre tela, 146 x 114 cm. (Arquivo do artista).



Roger Regner. *PRG 01*, 2011. Acrílico sobre tela, 135 x 100 cm. MAB1372 A. (Marina Gadelha/SECEC). Esta obra, derivada de pesquisas do artista com imagens geradas em computador, faz parte de um díptico.



Cintia Falkenbach. Brasília da memória, 2006. Calcogravura, 30 x 32 cm. (Marina Gadelha/SECEC). A obra faz parte de uma coletânea de gravuras organizada por Malu Fragoso, Brasília em Gravuras.



André Santangelo. Nem céu, nem terra, nem água; 2002. Fotografia. MAB1158. (Marina Gadelha/SECEC)



Fernando Carpaneda. Renato Russo, 2018. Acrílica sobre tela, 30 x 20 cm. (Marcelo Gonczarowska Jorge/SECEC)

Bené Fonteles. Sem título, sem data. Técnica mista, colagem, papel, isopor e tinta acrílica sobre madeira, 150 x 115 cm. MAB863. (Marina Gadelha/SECEC). A atuação de Bené Fonteles no campo das artes perpassa a criação e combina-se com o ativismo. Sua obra discute as questões da preservação do meio ambiente e da realidade das camadas mais humildes da população brasileira, sobretudo a marginalizada. O artista utiliza, em seus trabalhos, objetos e materiais que recolhe em suas permanências no interior do país, como artefatos indígenas, fibras naturais, couros, sementes e sinos de vaca.



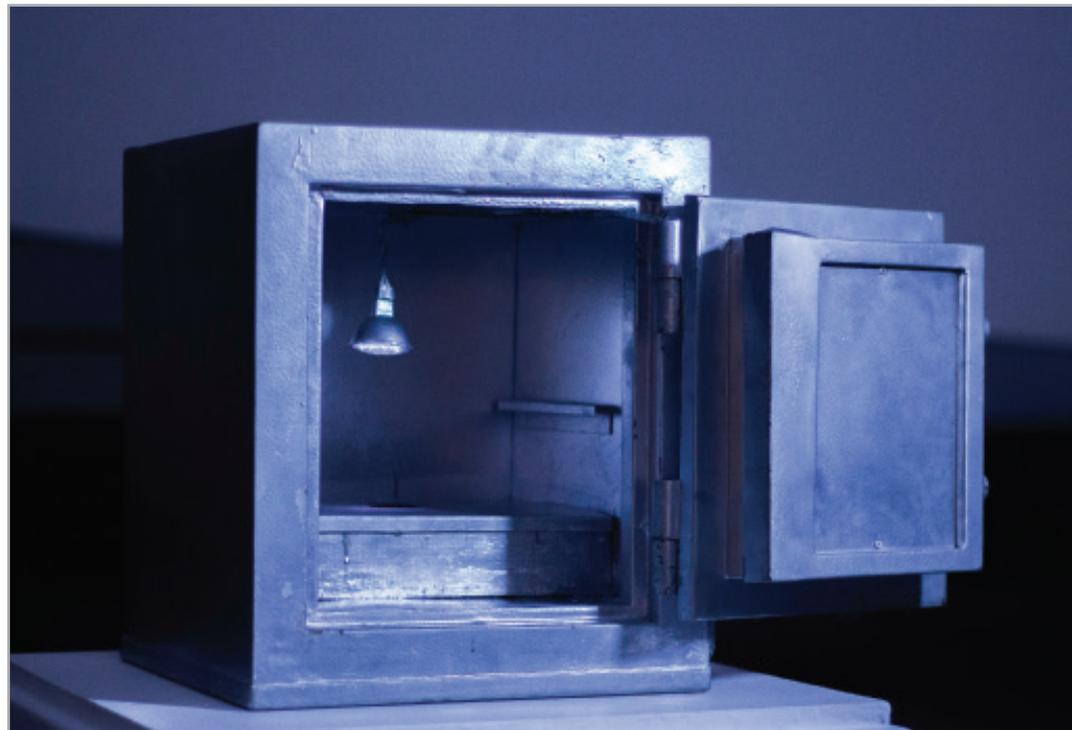
Ricardo Stumm. Criação, 2005. Bronze dourado, 34 x 18 x 15 cm. MAB1110. (Marina Gadelha/SECEC). A obra de Ricardo Stumm é de um estilo indefinível, apesar de beber indiscutivelmente na fonte modernista. Gaúcho, iniciou sua formação artística ainda em Porto Alegre, mudando-se em seguida para Brasília, onde estudou com Glênio Bianchetti e Lêda Watson. Formou-se escultor na Europa nos anos de 1990, especialidade na qual se reconhece e pela qual é reconhecido. Firmou-se como pioneiro na fundição artística de bronze e de alumínio no Distrito Federal e experimenta, no momento, a fundição de vidro.





*Corpos Informáticos (grupo de pesquisa). Varrum, 1995. Edição: Carla Rocha. Videoarte. Duração: 6'44". MUN1247. Corpos Informáticos é um grupo de performance criado em 1992 que adotou diferentes formações no decorrer dos anos, sempre sob a coordenação de Bia Medeiros, professora da UnB até os anos 2000. Em suas palavras, o "Corpos Informáticos não faz teatro, faz performance, performances em telepresença (principalmente entre 1999 e 2006), composições urbanas na cidade e na web – entendida como espaço público –, videoarte, web-arte, ou simplesmente arte". Talvez por sua longevidade ou por sua inserção no ambiente acadêmico, o grupo é um dos mais emblemáticos e reconhecidos de Brasília.*

*Cirilo Quartim. 1=0, 2008. Cofre, moeda de R\$ 1,00, um par de espelhos côncavos, lâmpada dicrónica, 50 x 50 x 50 cm. MUN118 (Marina Gadelha/SECEC). Cirilo Quartim faz parte de uma jovem geração de criadores brasileiros profundamente ligada à integração entre arte e tecnologia. Sua produção combina a utilização de tecnologias digitais, a crítica ou o comentário social e a interação com o público, frequentemente convidado a realizar ações para que a obra possa de fato rematar-se enquanto proposta.*





Carol Nemoto e Samuel Lamas. Poltrona Harpa, 2019. Estrutura em aço carbono com pintura epóxi semi-fosca preta e assento em corda náutica, 50 x 50 x 80 cm. (Arquivo dos designers/SECEC)



Dimitri Locicks e Marcos Mendes Manente. Mesa de centro Buritis, 2014. Freijó maciço com acabamento com seladora, ferragens de aço, sapatas de feltro e tampo de vidro, 180 x 50 x 50 cm. (Arquivo dos designers/SECEC)



*Eduardo Borém. Mesa Lúcio. Bases em madeira maciça e tampo em lâmina natural. (Arquivo do designer/SECEC)*



Fred Hudson e Raimundo Miranda. Mesa de centro, 2011. Projeto Muira Design UnB/FAP-DF. Chapas de madeira com marchetaria e estrutura em madeira ipê, 35 x 105 x 105 cm. (Arquivo Fred Hudson/SECEC)



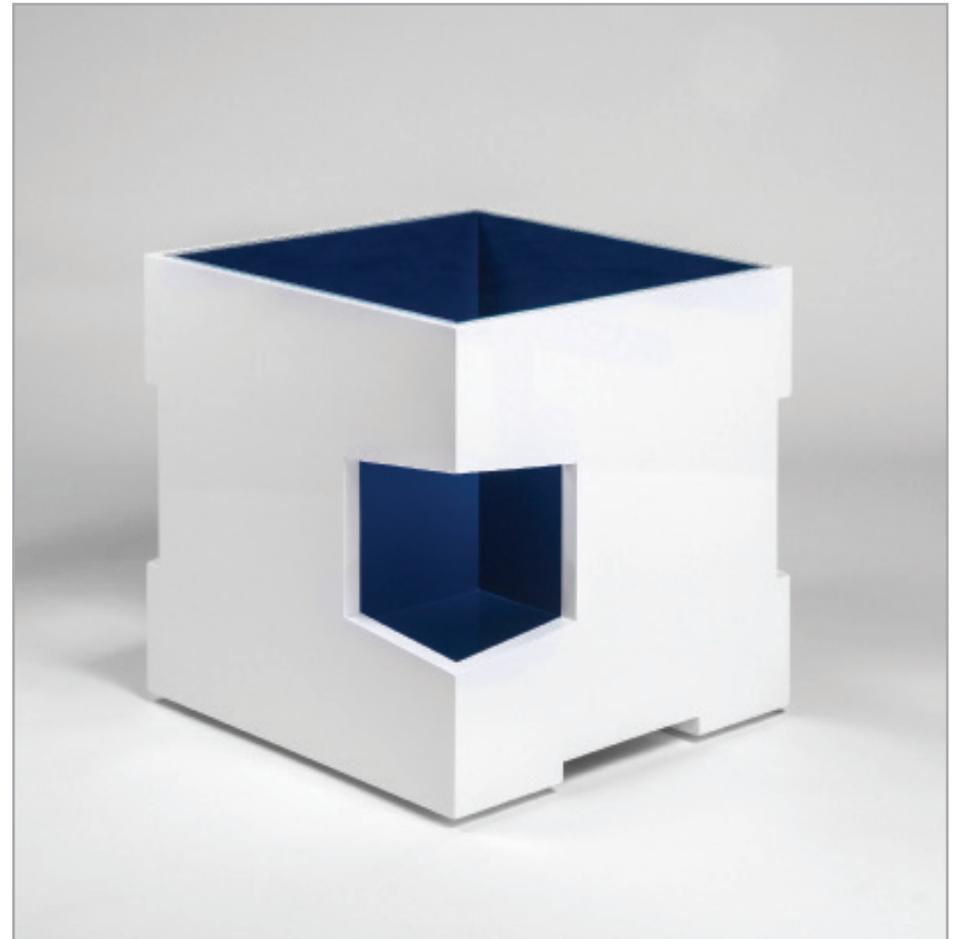
Carla Sanches, Laura Catarina Correia Ferraz e Wanderson Ferreira Ribeiro. Banco Alu, 2019. Compensado naval moldado e tecelagem em algodão, 45 x 120 x 50 cm. (Arquivo Carla Sanches/SECEC)

*Marcelo Bilac. Mesa Murici, 2018. Estrutura de compensado flexível revestido com resíduos de madeira e folha em aço carbono pintado, 52 x 44 x 52 cm.  
(Arquivo do designer/SECEC)*





Raquel Chaves. Mesa Quinta, 2016. Estrutura em aço carbono com pintura eletrolítica e compensado naval. (Alliny Nunes/Arquivo da designer/SECEC)



Katia e Morgana de Moraes. Mesa Athos, 2016. MDF laqueado e vidro, 56 x 56 x 56 cm. (Arquivo das designers/SECEC). Projeto realizado com o apoio da Fundação Athos Bulcão.



*Rodrigo Scheel. Cadeira Brasília, 2013/2018.  
Madeira de jequitibá, 40 x 40 x 80 cm.  
(Arquivo do designer/SECEC)*



*Vitor Brum, Victor Dax e Bruno Bersan. Mesa VB01, 2019.  
Madeira, vidro e mármore, 53 x 28 x 28 cm.  
(Arquivo Vitor Brum/SECEC)*

BILÁ, Gabriela. O novo guia de Brasília. Brasília: \_\_\_\_\_, 2015.

DANTO, Arthur C. Após o fim da arte. São Paulo: Edusp, 2006.

DUARTE, Maria de Souza. A educação pela arte: o caso Brasília. Brasília: Thesaurus, 1983.

FERREIRA, Christine; JACQUES, Marcelo. Os discursos de André Malraux no Brasil: uma reflexão sobre arte e cultura, in: Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia, n. 38, ano 2, p. 177-188, 1º sem. 2008.

LANNES SOUZA, Paulo Eduardo. Arte Popular como Arte Contemporânea no acervo do Museu de Arte de Brasília. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para o curso de graduação em Teoria, Crítica e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade de Brasília em 2018.

MADEIRA, Angélica. Itinerância dos artistas: a construção do campo das artes visuais em Brasília (1958-2008). Brasília: Editora UnB, 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO DISTRITO FEDERAL. Museu do Catetinho. Brasília: \_\_\_\_\_, 2019.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. Brasília 50 anos: arte e cultura. Brasília: UnB, 2011.

## **Arquivos**

Arquivo do Museu de Arte de Brasília

Arquivo da Subsecretaria do Patrimônio Cultural da SECEC-DF

Arquivo da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal

## **Ficha técnica:**

### **Textos:**

Marcelo Gonczarowska Jorge (SECEC-DF)

Frederico Hudson Ferreira (IFB)

### **Direção de Arte e diagramação:**

Sergio Sousa (SECOM-DF)

### **Patrocínio (estratégia de marca):**

Manufatura Creative Ltda.

### **Instagram MAB:**

@museudeartedebrasil

## **Agradecimentos:**

NOVACAP

DER

Secretaria de Estado de Comunicação do Distrito Federal

Instituto Rubem Valentim

Bené Fonteles

Secretaria  
de Cultura

Secretaria de  
Comunicação

